

**COMPARTILHAMENTOS E CONVERGÊNCIAS DE TEXTOS DE LITERATURA  
NO FACEBOOK**

Robério Pereira Barreto

Universidade do Estado da Bahia, campus V

**Resumo:** este texto é parte de observação de pesquisa realizada no período de março de 2014 a abril de 2015, o *locus* de interação *online* foi o mural de meu *Facebook*. Os dados textos literários compartilhados de autores nacionais, internacionais e regionais como expressão leitora e de sentimentos dos interagentes. A metodologia para realização da pesquisa foi a Etnografia Virtual ancorada Análise de Rede Social. Conclui-se, a existência de textos já cristalizados no inconsciente coletivo como representantes de uma condição artística e literária leva à consolidação do ideal literário do momento faz-se leitor a partir da referência de autores canônicos.

**Palavras-chaves:** *Facebook*. Compartilhamentos, Literatura. Escrita. Leitura

**Abstract:** this text is part of research carried out in the period March 2014 to April 2015, the locus of online interaction was the wall of my Facebook. The data shared literary texts of national, regional and international authors as an expression and feelings of the reader integrants. The methodology for conducting the research was the Virtual Ethnography anchored Social Network Analysis. It is concluded, the existence of texts already crystallized in the collective unconscious as representatives of an artistic and literary condition leads to consolidation of the literary ideal of the moment makes reader from the canonical authors reference.

**Keywords:** Facebook. Shares, Literature. Writing. Reading

## Introdução

Este trabalho objetiva apresentar como a publicação e o compartilhamento da escrita literária autoral e de outrem no site de rede social – SNS – *Facebook* vem ganhando expressão e, conseqüentemente, leitores que se apropriam de fragmentos de obras literárias e os compartilham na rede. Os participantes do *Facebook* ampliam a divulgação de textos nas redes sociais, os quais são caracterizados como publicidade espontânea. Estes sítios permitem que pessoas se transformem em autores, leitores e replicadores de escritas literárias autorais e de outrem sem que tenha lido a obra em sua completude.

Para a consecução deste trabalho, fizemos observações empíricas a partir de minha conta pessoal de *Facebook*, à qual estavam cadastrados à época do começo da pesquisa, março de 2014, 1563 contatos. Um ano depois, ao final da observação eram 1573 contatos do

referido site, tendo sido aceitos nesse tempo apenas 10 novos amigos – março 2014 a abril 2015.

Vale ressaltar que este público é diversificado em gênero, etnia, escolaridade e classe social. Nesta comunidade virtual, temos perfis que vão de adolescentes com escolaridade básica a pesquisadores e acadêmicos de diferentes partes do país e do mundo. Isso explica o quanto diversificado é a percepção de todos sobre leitor, literatura e escrita no ambiente virtual.

Essas operações comunicativas têm como pauta a exposição de si e, por seu turno, os seus estados de espíritos momentâneos. A partir disso, definimos a metodologia para realização da pesquisa; a Etnografia Virtual ancorada na abordagem de Análise de Rede Social, considerando-a como um aporte sociológico para a compreensão das dinâmicas sociais das redes virtuais, aonde a escrita em suas amplas nuances conduz às práticas de (web)letramentos(s).

Assim, tomamos a escrita como uma tecnologia interativa que domina a dinâmica de atores na web, garantido assim, diálogos contínuos em rede entre seus agentes. Estamos diante de uma rede emergente. Seu surgimento e manutenção estão vinculados à presença de atores comunicativos que, alimentando o ambiente digital com *input* e *outputs* buscam participar convergência dialógica por meio das diversas postagens: poemas, fragmentos de narrativas literárias; cuja autoria se atribui a autores nacionais, ocidentais canônicos e contemporâneos publicados nos murais do *Facebook*.

Numa miríade de possibilidades, selecionamos aleatoriamente murais para análise, considerando que neste período, tais espaços tiveram um constante movimento de publicação de textos. Importante destacar a contínua presença de publicações através das quais, os contatos foram provocados ou provocaram seus pares a participarem das chamadas “correntes” e ou “desafios” de publicar excertos de textos literários por certo tempo – uma semana – poemas autorais ou não, objetivando a publicização e ou exposição da obra de um(a) autor(es) na rede.

Por se tratar de uma pesquisa na qual se problematizam as questões relacionadas ao não lugar do texto que, fluído, aqui é tido como interagente na dinâmica da produção e da publicização em ambiente digital. Desse ponto de vista, Augé (2012) considera a questão do não lugar a partir dos deslocamentos do sujeito entre as superfícies das comunicações, colocando os indivíduos em contato consigo mesmo quando expõe a público sua predileção por determinado texto ou autor.

Pretendemos discutir tal questão, a partir dos aportes de uma antropologia das redes que considere os sujeitos nos espaços de interação virtual, na qual, as práticas discursivas

sobre a leitura na cibercultura escrita e nos webletramentos considerem webleitores, os navegadores das infovias das redes sociais e digitais.

Dessa maneira, vamos dividir a exposição em três grandes teses, a saber: a) o compartilhamento de textos literários no *Facebook* permite o acesso do leitor à obra – fragmentos – de autores clássicos e contemporâneos, assegurando assim, a contínua permanência do texto no inconsciente coletivo; b) o *Facebook* oportuniza que autores iniciantes se aventurem na produção escrita, levando ao público seus sentimentos, seus estilos literários e suas preferências por autores de referência e; c) os ambientes digitais e seus – *Site Network Social* – SNS aproximam autores e leitores de modo horizontalizado, ambos interagem e compartilham seus textos de forma igualitária e dinâmica no *Facebook*.

Para confirmar tais teses são apresentados dados por meio de gráficos que comprovam a reificação dos autores canônicos e a presença de desconhecidos publicando frequentemente sua obra no *Facebook*. Isso fica claro quanto é lida a partir da observação das curtidas e dos compartilhamentos feitos pelos contatos da rede, assegurando uma interação convergente no grupo no ambiente social digital.

### **Escrita: inteligência cognitiva no contexto (web) literatura e os (web) letramento(s)**

Escrever em sua classificação morfológica é verbo irregular, na classificação semântica trata-se de verbo intransitivo, reflexo e transitivo. Quando da aplicação de sua transitividade, o ato de escrever requer no mínimo um ator leitor que, ávido por informação dá prioridade a textos com linguagem direta e direcionada. Então, escrever na contemporaneidade está muito mais conectado com a audiência leitora do que com a erudição do autor, marca dos textos clássicos presentes nas grandes narrativas.

Dizemos que, em se tratando de publicações em sites de web, as redes sociais se tornaram espaços de interação escrita e de leitura fragmentadas; diga-se passagem, o ato de escrever e ler se tornou uma ação direta e, portanto, requer linguagem e estilo dinâmicos, conforme a velocidade do suporte digital; menos é mais! Textos curtos e de leitura fluída seguram a audiência leitora e são capazes de promover uma sequência na mesma intensidade. “As novas tecnologias revolucionaram a escrita e a leitura. Econômicas mensagens eletrônicas ganharam espaço e prestígio. Os esbanjadores verbais têm de se conter e se curvar ao estilo moderno. Nele imperam duas regras de ouro. Uma: menor é melhor. A Outra menos é mais” (SQUARISI, 2014, p.11).

Nesse contexto, Da Costa (2007) ao tratar da linguagem escrita na web orienta para se reconhecer a evolução no processo de comunicação presente nos ambientes digitais, especialmente no que se refere ao compartilhamento de textos; no “modo próprio e contemporâneo de se comunicar; a cada momento criam novas expressões que refletem seu modo de pensar, seus conflitos e suas alegrias” (DA COSTA, 2007, p.9).

Os níveis de interação social por meio de escrita no ambiente virtual considera a escrita como tecnologia de comunicação disponível para pessoas conectadas no tempo e no espaço digitais por que proporciona amplo diálogo em rede.

De acordo com Lévy (1996), esse processo leva a sociedade a criar inteligências coletivas, com isso se espriam socializações de conhecimentos através das quais a “inteligência coletiva possibilitada pelas redes digitais interativas e as perspectivas que elas abrem para uma evolução social positiva” (LÉVY, 1996, p. 96). Para isso acontecer à qualidade das linguagens e seus sistemas de signos presentes no ambiente digital precisam fuir na rede.

É impossível exercermos nossa inteligência independentemente das línguas, linguagens e sistemas de signos (notações científicas, códigos visuais, modos musicais, simbolismos) que herdamos através da cultura e que milhares ou milhões de outras pessoas utilizam conosco. Essas linguagens arrastam consigo maneiras de recortar, de categorizar e de perceber o mundo, contêm metáforas que constituem outros tantos filtros daquilo que é dado e pequenas máquinas de interpretar, carregam toda uma herança de julgamentos implícitos e de linhas de pensamento já traçadas. (LÉVY, 1996, p. 98).

Essas operações comunicativas têm como pauta, a exposição de si e seus estados de espíritos momentâneos. Isso ocorre porque a escrita é a tecnologia interativa que domina a dinâmica de atores na rede. Quando isso acontece estamos diante de uma rede emergente, seu surgimento e sua manutenção estão vinculados a permanente presença de atores comunicativos alimentando o ambiente com *input* e *outputs* escritos.

Estas práticas têm consequências importantes no letramento dos participantes da rede social, eles interagem com diferentes gêneros e estilos de escrita, o que lhes permite presenciar atos criativos e provocadores de e na linguagem. “As línguas, as linguagens e os sistemas de signos induzem nossos funcionamentos intelectuais: as comunidades que os forjaram e fizeram evoluir lentamente pensam dentro de nós. Nossa inteligência possui uma dimensão coletiva considerável porque somos seres de linguagem” (LÉVY, 1996, p. 98).

Podemos citar como exemplo, o internetês nas interações *online* em que o uso de signos e símbolos nas mensagens entre contatos, apesar alteração estrutura formal da língua e da escrita, os interagentes se orientam e se coordenam no universo de signos que compõem a comunicação.

Consideramos a seguir, que o ato de interação em ambientes virtuais é resultante da aquisição da escrita como tecnologia de comunicação, situada na intersecção de pensamentos, onde atores sociais se encontram distantes um do outro, autor-leitor, mas socializam suas experiências e seus ideais artísticos, culturais e políticos. Desse ponto de vista, a escrita em ambiente virtual tem garantido a dinâmica de uma literatura em rede, (web)literatura que tem promovido letramentos importantes no que se refere à formação de leitores na e fora da web.

De acordo com Bazerman (2007) a organização social da sociedade moderna deve muito à escrita, porque esta permitiu que as pessoas se realizassem como sujeitos sociais, orientados por alinhamentos de pensamentos que só foram possíveis devido à ativação do psiquismo individual e coletivo de atores socialmente localizados na interação comunicativa. “A escrita é um meio de comunicar entre pessoas através do tempo e do espaço. A escrita pode servir-se para, mútua e concomitantemente, orientar atenção, alinhar pensamentos, coordenar ações e fazer negócios entre pessoas que não estão fisicamente co-presentes como também entre as que estão presentes” (BAZERMAN, 2007, p. 13).

A utilização da escrita como tecnologia organizativa da vida social promove implicações significativas no cognitivo social; “as instituições sociais, leis, regras e costumes que regem nossos relacionamentos influem de modo determinante sobre o curso de nossos pensamentos [...] interação entre indivíduos, “as regras do jogo” social modelam a inteligência coletiva das comunidades humanas assim como as aptidões cognitivas das pessoas que nelas participam” (LÉVY, 1996, p. 99); a presença ou não presença dos sujeitos no processo interacional ampliou o espaço comunicacional, garantindo a todos, potencial de exposição de pensamentos, de sentimentos e de ideologias das coletividades na rede.

La escritura y la lectura no incidieron solamente en el ámbito del gobierno, sino en todos los aspectos de la vida de las personas de aquella época y particularmente de las que vivían en las ciudades. Las escuelas de primeras letras empezaron a proliferar en los núcleos urbanos y se convirtieron en la principal agencia de alfabetización. Por otro lado, una tecnología novedosa, la imprenta de tipos móviles de Gutenberg, revolucionó el acceso a los libros. (FERNÁNDEZ, 2012, p.5).

Na web as operações com a escrita levam à indução de prazeres comunicacionais; ao emitir uma mensagem, o autor leva o leitor a um estado de consciência tal que lhe permite a decodificação e a compreensão do dito e do subliminar presente no texto. Do ponto de vista do (web)letramento(s) isso consiste em reconhecer quão profundas são as relações e interações com o outro da comunicação.

Para Bazerman (2007), estamos diante de algo já mencionado por Jack Goody, *As consequências do letramento* em sociedades civilizadas e tecnológicas são práticas de culturas escritas; elas são responsáveis pelo desenvolvimento individual e coletivo da comunidade de interação em rede. “(...) práticas de inscrição e de interpretação afetaram as pessoas que se engajaram nas práticas de letramento e que vão além do que se encontra no texto” (BAZERMAN, 2007, p 13). A sociedade contemporânea traz em si mesma a marca da cultura escrita. Com isso, a escrita como tecnologia para a realização do texto leva ao distanciamento entre os sujeitos, por conta de que o texto assegura a assincronicidade da informação, podendo o leitor interagir no *posteriori*.

Com a presença de sites de redes sociais – SNS – no cotidiano das pessoas, a comunicação se ampliou exponencialmente e, com isso, as trocas individuais e coletivas passaram a ter destaques importantes, apesar de haver exageros no conteúdo das mensagens trocadas nas redes sociais é o meio de se produzir linguagem de acordo com o cotidiano da comunidade. De acordo com Fragoso (2008), “a natureza , motivos, prováveis e possíveis desdobramentos dessa alterações, por sua vez, são extremamente complexos, e a velocidade do processo tem sido estonteante. (...) é difícil resistir à tentação do determinismo tecnológico, que traduz em respostas encantadoramente simples a máxima de que a tecnologia define a sociedade” (FRAGOSO, 2008, apud RECUERO, 2008, p. 12).

Para Recuero (2008), as redes sociais por se constituírem em complexos interacionais apoiados em tecnologias digitais de comunicação fazem com que os agrupamentos humanos na web se encontrem e revelem suas formas de comportamentos pessoais. “When a computer network connects people and organization it is a social network”<sup>1</sup>(GARTON, HAYTHORNTHWAITE e WELLMAN, 1997, p. 1).

Diante dessas questões, se prioriza as redes sociais da web, Weblog por se compreender que há nessa tecnologia intelectual um *modus* de produção de linguagem, por meio da qual a conexão e a interação entre os cibercidadãos se completam e solidificam.

Essas relações em rede sociais ocorrem devido ao acordo estabelecido entre os participantes das comunidades que, falando um mesmo código e partilhando o capital social nela existente edificam a interação social.

Essas interações, na Internet, são percebidas graças à possibilidade de se manter os rastros sociais dos indivíduos, que permanecem ali. Assim acontece com a maior parte das interações na mediação do computador. Essas interações são, de certo modo, fadadas a

---

<sup>1</sup> Quando uma rede de computador conecta pessoas e organização é uma rede social. (GARTON, HAYTHORNTHWAITE e WELLMAN, 1997, p. 1). (Tradução livre)

permanecer no ciberespaço, permitindo ao pesquisador percepção das trocas sociais mesmo distante, no tempo e no espaço, de onde foram realizadas. (RECUERO, 2008, p. 30).

Recuero (2008) ao tratar da questão da interação nas redes sociais, enfatiza o conceito de interação de Parsons e Shill (1975) “compreende sempre o alter e o ego como elementos fundamentais, onde um constitui-se em elementos de orientação para o outro. A ação de um depende da reação do outro, e há orientação com relação às expectativas.” (RECUERO, 2008, p. 31).

Isto leva à inferência de que cibernautas ao se constituírem como atores sociais na rede, buscam em suas ações de linguagem e comunicação a reciprocidade, esta por sua vez pode acontecer instantaneamente como também podem acontecer a posteriori, visto que os comentários dos post normalmente correm por meio de assincronias.

Para Recuero (2011), as relações entre os indivíduos nas redes sociais são realizadas a partir do nível de interesse e de grau de conexão que elas mantêm. O mecanismo utilizado é a linguagem em sua modalidade escrita. Dessa maneira, a conexão estabelecida entre os indivíduos passa a representar a quantidade de nós – indivíduos – do outro lado da conexão recebendo a mensagem.

Assim, uma comunidade de *Facebook* onde todos interagem por meio da expressão escrita, registrando experiências de vida e compartilhando excertos de obras literárias de sua preferência, conectam interesses e populariza autores e pensamentos. Quando isso acontece, a estrutura de dados da rede se baseia segundo Recuero (2011) em grau de *conexão*, *densidade*, *centralidade* e *centralização*. A interação entre os interagentes demonstra que, as categorias acima mencionadas ocorrem a partir da autoria e da audiência das postagens dialoga; isto é, autor expressa seu pensamento sobre determinada obra ou tema e, em seguida, os contatos iniciam a interatividade por meio de curtidas, compartilhamentos e comentários.

Isto feito, podemos compreender quão densa é a rede de comunicação, tendo a densidade como a medida responsável pela proporcionalidade de nós – contatos – que a rede tem. Assim, a estrutura da rede – *Facebook* - assume a ideia de rizoma à maneira deleuzeana, onde cada contato constitui-se em nó, a partir dele os textos são postados na rede social; “[...] um ponto qualquer com outro qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos” (DELEUZE; GUATARRI, 2004, p.32).

Esse efeito leva à manutenção da estrutura, a popularidade da rede de contatos remete à categoria *centralidade* a qual é assegurada pelo número de contatos e seguidores dos perfis que se interligam na rede. Na mesma lógica vem à centralização que, neste caso teria como nó

central o perfil inicial da conta – meu perfil – do qual partem as interligações entre os demais nós da rede. Diríamos que o responsável por acontecer tal processo é a linguagem escrita, tecnologia com dinâmica própria movimenta as redes sociais e digitais.

Bazerman (2007) pondera sobre o desenvolvimento intelectual, individual e sociocultural da sociedade, a partir do reconhecimento da escrita enquanto tecnologia capaz de registrar as ocorrências nas formações sociais: “palavras escritas movem mentes, mentes movem pessoas e pessoas se movem nos mundo social e material. As mudanças nas nossas vidas comunicativas têm consequências para nossas vidas nesses mundos (...)” (BAZERMAN, 2007, p. 15). Nesse contexto a escrita na web assegura interações importantes e faz com que os participantes se encontrem em comunidade de interagentes situados por interesses e ideologias. Portanto, é aí que os processos de troca se iniciam com a leitura e, por sua vez, a distribuição de textos em espaços sociais de leitura que, neste caso, o *Facebook* como ambiente de expressão escrita e leitura.

### **Facebook a nova dinâmica de compartilhamentos de textos literários na web**

A web e suas ferramentas têm alterado a atual dinâmica cultural da sociedade contemporânea, marcada pelo hibridismo de linguagens e gêneros artísticos e literários. Percebemos isso de forma mais larga a partir da convergência de linguagens nas mídias digitais. Estamos falando da mescla de signos, parafraseando assim o conceito pierciano de signo citado por Santaella, (2004), segundo o qual, tudo que tem existência, qualidade e segue um padrão interpretativo convencionalizado por uma lei - que compõem a comunicação em ambientes digitais são combinações sígnicas. Observamos que os posts em estudos mostram a singularidade dos pensamentos dos interagentes sobre escrita literária. Dessa perspectiva, a existência de textos já cristalizados no inconsciente coletivo como representantes de uma condição artística e literária, leva à consolidação do ideal literário do momento, faz-se leitor a partir da referencia de autores canônicos.

Para Santaella (2004) o fato de o signo existir - texto literário compartilhado no mural do Facebook (grifo meu) - já o faz significar, ocupando “um lugar no tempo e no espaço, significa reagir em relação a outros existentes, significa conectar-se” (SANTAELLA, 2004, p.13). Esta questão se amplia ainda mais quando se tratar da expressão de “eus” no âmbito de redes sociais, por que a liberdade do sujeito em se expressar usando múltiplos signos faz parte da identidade comunicativa do interagente em redes sociais. “A informação é essencialmente questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria



opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo.” (CHARAUDEAU, 2006. P.19).

Neste contexto as figuras tradicionais de autor e de leitor passam por mudanças significativas, isto é, o leitor até então considerado clássico – contemplador passivo do texto – passa a assumir posturas diferenciadas diante de novos suportes digitais para o texto. Ele se torna proativo e interagem com os textos e os autores das postagens instantaneamente, colocando em destaque seus posicionamentos de leitor ativo.

Canclini (2006), afirma que as práticas de leitura no contexto das tecnologias digitais não podem mais considerar a leitura somente no suporte clássico – impresso no papel – devido à internet oferecer amplas possibilidades de interação leitoras em suportes informáticos desde o computador à tela do celular. A importância da convergência das mídias sociais e sua propagação na web se torna cada vez mais um ente de construção de simbologias em que a leitura e a escrita deixam vir à tona as opacidades de linguagem, indo além da mera intenção da mensagem, informar. Esse processo desconstrói de modo muito sistemático o pensamento de que a literatura e as artes estão apenas em suportes clássicos – livros, etc. – porém, é neles que a sociedade em seu viés mais tradicional acreditar está o *locus* do conhecimento.

Fica evidente nas campanhas oficiais de incentivo à leitura que têm o livro impresso como principal veículo de promoção do conhecimento. No entanto, vivemos outro contexto, qual seja: literatura e artes digitais emergem e proliferam na *web*. Os leitores de hoje, jovens e adultos conectados às redes sociais vivem em uma era de informação, globalização e digitalização da informação.

A presença contínua de múltiplas fontes de linguagens, signos e informações faz com que os modos de ler dos participantes das redes sociais e digitais sejam outros. Assim, interagir socializando textos e ou fragmentos de textos literários nas redes sociais significa estar conectado com a realidade da *web*, compartilhamentos; portanto, “cidadão do mundo” real e digital. Para Moss (2012) não importa qual seja a área de interesse ou autor preferido do leitor, o que interessa mesmo é seu engajamento no universo da leitura que, neste caso, destacamos o universo literário pelo qual ele transita, estimulando e sendo estimulado à interação com o mundo ficcional do cotidiano do *Facebook*; *locus* de leitura.

Os discursos recorrentes nas mídias digitais têm colocado na ordem do dia uma série de textos que alimentam a dinâmica do dizer e do ouvir em rede, ou seja, a cada mensagem postada no mural de uma rede social renovam-se as potencialidades de leitura e de interação dos agentes comunicativos em conexão. Quando isso ocorre, no mínimo se tem aí uma leitura

rápida da mensagem, a qual, às vezes, é compartilhada em tempo real, gerando assim, uma corrente de leituras e participação dinâmicas.

Parafraseando Canclini (2008), a web surge como espaço e processo de interação capaz de promover mesmo que, simbolicamente, a presença de interagentes das ciências, das artes e da literatura num diálogo constantemente atualizado pelo texto. Assim, o texto mesmo que em suas incompletudes e opacidades ganha, na web direcionamentos e códigos decifráveis pelo leitor que troca de papel o tempo todo com o autor.

Os textos e as imagens na web (grifo nosso) vão existindo à medida que o leitor ou o espectador os usam ou reinterpretam. “Todo texto prevê seu leitor e não pode abrir mão dele: procura-o “gastronomicamente” para que tenha prazer, suspire ou chore, identificando-se com o que lhe contam ou “ com fins estéticos”, não esperando que tenha tanto prazer com a história contada como com o modo pelo qual é contada. (CANCLINI, 2008, p. 51).

Podemos afirmar que, na medida em que os interagentes da web atuam comunicativamente postando textos literários em seus mais variados gêneros e formatos, eles buscam promover a socialização de informações que para si e os seus interlocutores sejam fruídas com prazer. Desse ponto de vista se misturam na web literaturas popular e de massa com elementos do cânone ocidental. Isso mostra quão fluídas são fronteiras entre as informações, nas redes sociais, podendo conforme assegura Canclini (2008), a deslocalização do sujeito e do espaço.

Para os internautas, as fronteiras entre época e níveis educacionais se esfumam. Apesar de que na web continua havendo brechas, tanto nos modos de acesso como na amplitude e heterogeneidade de repertório aos que chegam a setores diversos, ao navegar ou “googlear” textos e imagens de diferentes épocas, a cultura dos que são vizinhos e a dos que estão distantes tornam-se espantosamente acessíveis. “Familiarizam”-se. (CANCLINI, 2008, p. 52).

Diante de tal questão, reconhecemos que a interatividade as redes sociais levam à “desterritorialização” do interagente, podendo o mesmo interatuar com outros agentes e lugares nunca antes imaginado, entre lugares surgem a todo instante como dinâmica da rede interacional *Facebook*. Tudo isso é fruto de uma ampliada comunicação digital móvel, na qual os interagentes assumem um papel dialógico, tendo como mecanismo de interação as ferramentas tecno-digitais móveis.

proporciona, ao mesmo tempo, interação interna e deslocalização, conhecimentos e novas dúvidas. O caráter multimodal da comunicação sem fio modifica as formas, antes separadas, de consumo e interação, ao combiná-las num mesmo aparelho: o celular permite marcar compromissos presenciais, substituí-los, mandar e-mails ou mensagens instantâneas, lê-los ou ouvi-los, conectar-se com informação e diversão

em textos e imagens, arquivar ou eliminar a história dos encontros pessoais (CANCLINI, 2008, p. 52).

No campo da leitura e da socialização de autores e suas literaturas, podemos dizer que as redes sociais asseguram de modo muito eficiente a mobilidade de textos que, até então nos meios tradicionais: livro, revista e jornais impressos eram considerados, na maioria das vezes, misteriosos ou difíceis, transforma-se em textos didatizados, parafraseados, etc. consentindo à massa de leitores, o acesso a outro olhar; o compartilhamento de textos literários.

A interatividade nos sites de redes sociais, especificamente, no *Facebook* está para além da questão comunicativa, ela é contextual e deixa passar entre os “fios de Ariadne”, as múltiplas maneiras de ser, viver, sentir e pensar os não lugares deixados pelas novas sensibilidades espaço-temporais da socialização de literatura em seus formatos e gêneros múltiplos.

Para Augé (2012) o viajante, neste caso, das redes sociais se lança como espectador num circo de debates, em que sua posição já o marca com parte do espetáculo. “Como se a posição do espectador constituísse o essencial do espetáculo, como se, definitivamente, o espectador, em posição de espectador, fosse para si mesmo o próprio espetáculo” (AUGÈ, 2012, p. 81).

Essa percepção mostra quão modificada estão as “velhas” estruturas do conhecimento, considerando que, do ponto de vista da socialização e da sociabilidade de “Eus”, sentimentos individuais e coletivos por meio da conexão digital da web às vezes ultrapassa o espaço vazio, trazendo ao indivíduo sensação de coletividade que o tira da solidão. “a solidão é sentida como superação ou esvaziamento da individualidade, onde só o movimento das imagens deixa entrever, por instante, àquele que as olha fugir, a hipótese de um passado e a possibilidade de um futuro” (AUGÈ, 2012, p.82).

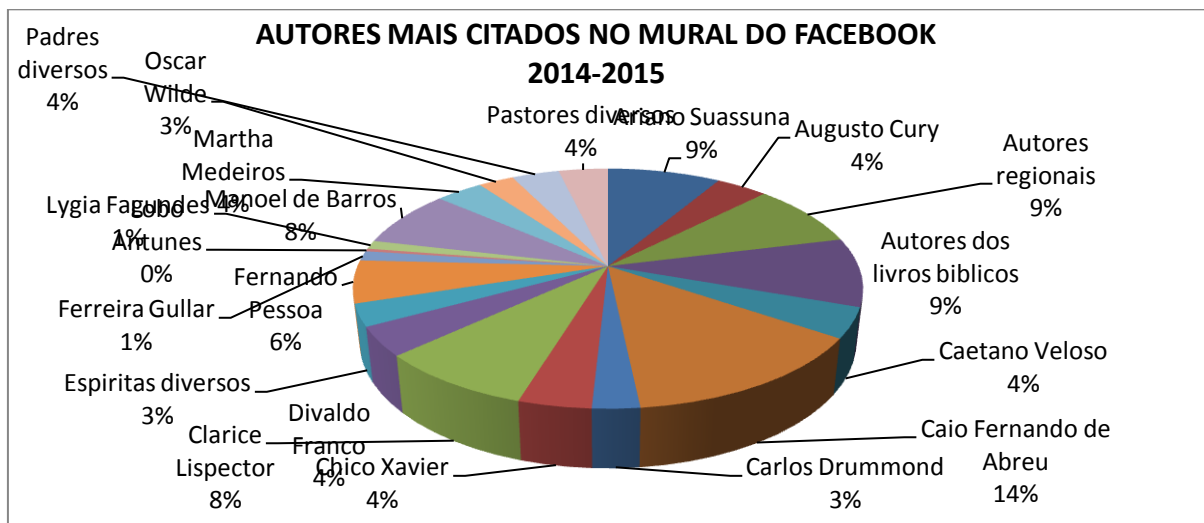
As redes sociais assumem a “tecnosociabilidade” e garantem aos iguais e também aos diferentes posturas seletivas e autônomas quando preferem por determinadas obras e autores em detrimento de outros.

Adolescentes e jovens participantes das redes sociais admitem que cada vez mais, são agentes de leitura e de escrita em ambientes digitais, onde grupos se aproximando mais que no cotidiano real. Canclini (2008) já havia apontado para essa questão ao tratar das formas como os adolescentes selecionam suas companhias dentro e fora das redes sociais.

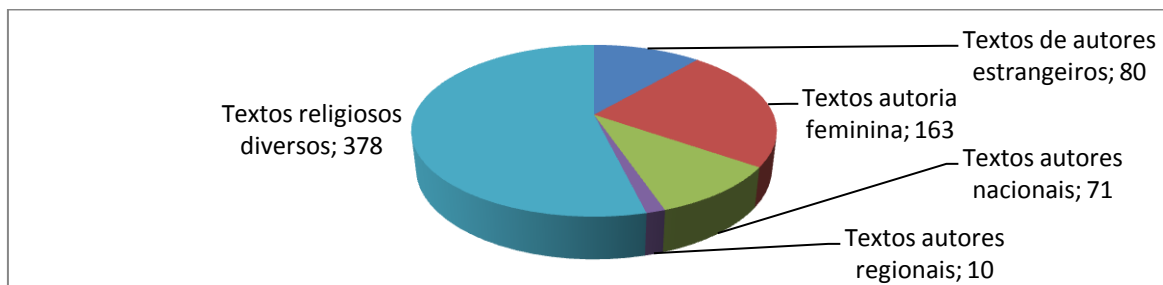
Constroem-se grupos de iguais através da sociabilidade na rede, em que os contatos são cada vez mais seletivos e autônomos. Mesmo em línguas diferentes, a fala e a escrita dos jovens caracterizam-se por modulações linguísticas compartilhadas, apresentam códigos estilísticos e de auto-reconhecimento semelhantes. As formas

que os adolescentes e jovens adultos escolhem para decidir quanto e onde ser acessíveis, articular disponibilidade social e intimidade e transmitir mensagens que não se animam a dizer cara a cara... CANCLINI, 2008, p. 53.

A igualdade promovida pelos ambientes digitais, a exemplo do *Facebook*, onde os murais são abertos aos contatos para que sejam lidos textos literários compartilhados de outrem ou até mesmo de autoria própria. Nesse contexto, apresentam-se a seguir, graficamente os principais nomes da literatura ocidental citados, ou compartilhados nos murais de *Facebook*, no período 2014 – 2015.

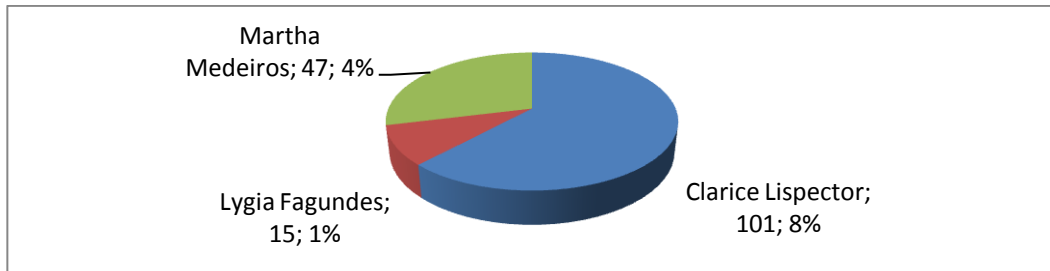


Durante o processo de observação dos dados classificamos em categorias os textos publicados e compartilhados nos murais dos contatos do Facebook, a saber: 1) autoria feminina, 2) autores nacionais, 3) textos religiosos diversos - espíritas, protestantes e católicos, 4) textos autores estrangeiros e 5) textos autorais regionais subscritos em post cotidianos.

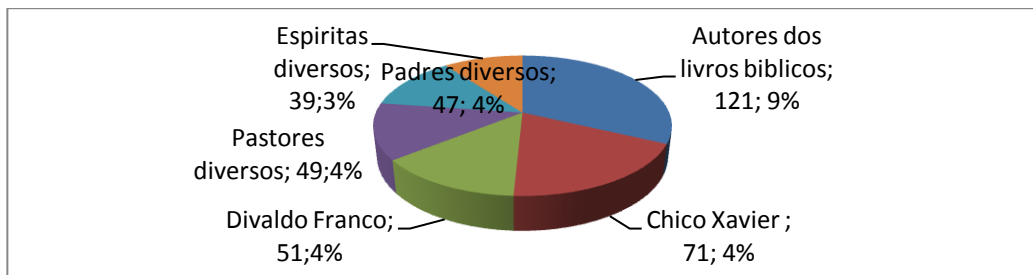


Assim, os gráficos com os resultados obtidos durante a observação e classificação dos post de contatos de Facebook em estudos.

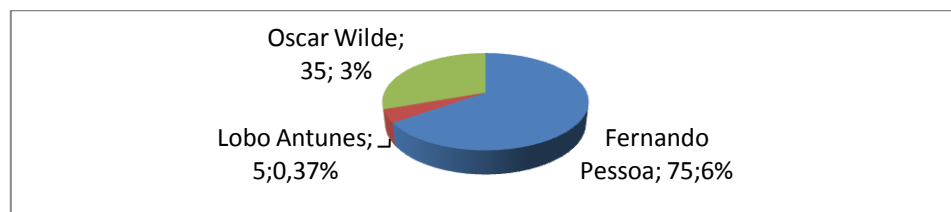
Autoras femininas com maior aparição correspondem a 13.0% (treze pontos percentuais) do quantitativo de 1.322 de postagens feitas no período da pesquisa – 2014-2015.



Apresenta-se a seguir o gráfico com os dados relativos à categoria textos religiosos diversos.



Em outra categoria – textos de autores estrangeiros - foram encontrados textos conforme segue abaixo. Importa dizer que foram considerados autores que tiveram seus textos compartilhados por até 5 (cinco) vezes no período observado 2014-2015.



Nos gráficos acima mencionados encontra-se, de modo sistemático, a representação do universo leitor dos participantes das redes sociais – SNS *Facebook* – no qual as escritas e, por sua vez, as leituras determinam quão têm sido as influências e as confluências dos pensamentos literários contemporâneos, fragmentação de obras no sentido de atender uma a demanda comunicativa do momento; a emergência do dizer algo a alguém para preencher uma lacuna comunicacional, recorrendo-se ao compartilhamento e à socialização do texto e da escrita de outrem em detrimento da autoria. Tais postagens proporcionam aos interagentes compartilhamentos de textos autorais ou não. Em outras palavras, o compartilhamento de textos no mural do Facebook promove (web)interações e (web)letramentos na web.

### Considerações finais

Do ponto de interpretativo das publicizações e dos compartilhamentos de textos narrativo-poéticos presente nos murais do *Facebook*, todos estão direcionados ideal e ideologicamente à manifestação comunicativa de sentimentos de si sobre determinada obra, em que empatias leitoras asseguram o diálogo com a obra e seus interlocutores ideais. Fica evidente nos dados dos gráficos mencionados no texto; quando autores da literatura nacional são destacadamente compartilhados, bem como são constantemente mostrados excertos da Bíblia cujos direcionamentos são generalizadores quando se refere ao interlocutor que, em sua maioria, tem ligação com o texto bíblico, considerando que somos e estamos, em tese, num cultura judaico-cristã.

Outro ponto interessante neste processo de observação foi à presença de textos relacionados a autores, cuja obra, está vinculada à prosa, todavia foram citados fragmentos de seus textos como se estes fossem poemas. Estamos falando de Caio Fernando de Abreu, Clarice Lispector, Lygia Fagundes, Martha Medeiros, Augusto Cury, Lobo Antunes, etc. Já no campo do gênero poesia, os nomes mais comuns quando tratamos da replicação de textos não autorais foram, a saber: Carlos Drummond, Caetano Veloso, Ferreira Gullar, Fernando Pessoa, Manoel de Barros, etc. este último com mais frequência logo após sua morte. Não menos importante, mas com frequência aparece Chico Xavier como o nome mais citado da literatura espírita; no campo do cristianismo, disparadas aparecem às citações de versículos dos livros bíblicos. Entre os poemas autorais visualizamos uma particularidade na expressão poética, em sua maioria, os autores desconhecidos do grande público e com publicação de sua obra em pequenas editoras regionais, utilizam a rede digital para fazer sua escrita de maneira “despretensiosa”.

Algo curioso nos chamou a atenção: uma parte significativa – não mensurada - de poemas autorais é publicada à noite. (Não entraremos neste detalhe por conta de não termos obtido as devidas respostas das inquirições feitas aos autores). O *Facebook* de fato tem permitido ao público acesso significativo a autores e as obras literárias, mesmo que de forma fragmentada, antes de difícil compreensão por leitores leigos, podemos colocar como exemplo a obra de Clarice Lispector. Esta mesma rede social, conforme demonstrado nos gráficos permite a publicação e socialização de textos autorais, especialmente de poemas de escritores iniciantes e desconhecido do grande público. Por fim, comprovamos que através de postagens e compartilhamentos autor e leitor interagem mediados pelo público que comenta, curti e compartilha em sua rede de contatos, os textos literários que consideram expressar algo de si no momento da leitura em rede.

## REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 9.ed. Campinas: Papirus, 2012.
- BAZERMAN, Charles. **Escrita, Gênero e interação social**. São Paulo: Cortez, 2007.
- CANCLINI, Néstor García. **Leitores, expectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CHARAYDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- DA COSTA, Cavalcanti Cintia. **Internet and teen language**. São Paulo: Disal, 2007.
- DELEUZE, G.;GUATARRI, F. Rizoma. In: DELEUZE, G.;GUATARRI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. V 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004, p. 11-37.
- FERNÁNDEZ, Fernando Vidal; MARTÍN, Alfonso Gutiérrez; MOREIRA, **Manuel Area**. **Alfabetización digital y competências informacionales**, Barcelona: Unigraf, 2012.
- FRAGOSO, Sueli. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2011.
- GOODY, JACK. **As consequências do letramento**. São Paulo: Paulistana, 2006.
- LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.
- MOSS, Barbara. **35 estratégias para desenvolver a leitura com textos informativos**. Porto Alegre: Penso, 2012.
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- SQUARISI, Dad. **Como escrever na internet**. São Paulo: Contexto